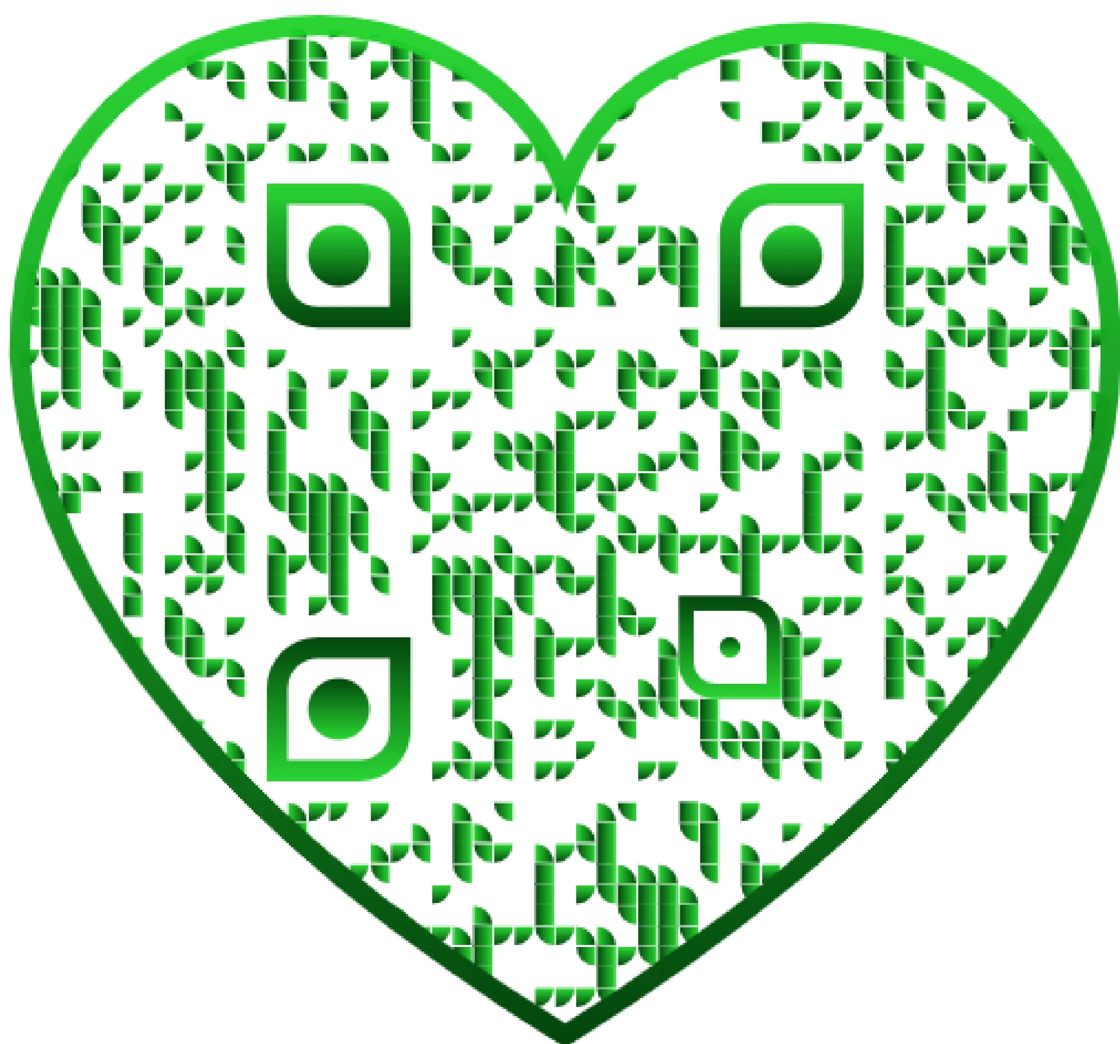

PARA SEMPRE
&
MAIS UM DIA
"Ela entregou seu coração... E ele a sua alma."
ANDY COLLINS



PARA SEMPRE
E MAIS UM DIA

ANDY COLLINS

PARA SEMPRE
E MAIS UM DIA

ANDY COLLINS

1ª EDIÇÃO
2016

EDITORA PLANETA LITERÁRIO

Copyright © 2016 Andy Collins
Copyright © 2016 Editora Planeta Literário

Capa: Dri K.k
Revisão e Copidesque: Alpha Books
Diagramação Digital: Elaine Cardoso

Todos os direitos reservados.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

Nove meses depois...

Agradecimentos

“Cuz you’ve taken me

Places I want to be

And you’ve shown me

Everything that I could ever

Want to see”

It’s You – Griffin Peterson

Nove meses depois...

Minha respiração está ofegante, não consigo acreditar no que estou lendo. Onde foi que deu errado? Sempre fui excepcionalmente cuidadosa, prometi para ele que tentaríamos quando acabasse a turnê, mas o que tinha acontecido ia contra todas as probabilidades. Pior ainda, era contra o meu desejo. Eu não estava preparada, não agora. Não sem ele por perto.

Desde o dia que ele subiu naquele avião tive certeza de que viveria incompleta. Gael tem a presença intensa demais na minha vida para ser ignorada ou ser mantida a distância.

Todas as noites durmo agradecendo a Deus por estar menos um dia longe dele, não que não estivéssemos tentando nos ver. Porém, às vezes, as nossas agendas não eram compatíveis ou era exaustivo demais. Fuso horário, entrevistas, ensaios, tudo se tornando tão cansativo, e ao mesmo tempo, eu tão fora do lugar.

Mas, no momento em que via seu sorriso e sentia seu corpo pressionado no meu, todos os meus medos e minhas angústias eram magicamente transformadas em amor. Um amor que somente Gael é capaz de despertar.

Completamente perdida, meu corpo treme por inteiro. Quando percebo, estou parada na frente do meu antigo apartamento.

Sim, depois que mudei definitivamente para o apartamento dele, transferi o meu para Maggie. No início ela não aceitou, mas depois que Troy encontrou a casa perfeita e ela viu que eu seria feliz naquele lugar, então ela finalmente concordou.

Minha amiga não fazia a linha romântica, era muito precavida e realista, como ela costuma dizer. Ela não queria que eu ficasse sem nada e só aceitou quando viu a escritura da nova casa no meu nome.

Ela daria uma ótima advogada.

A mudança ainda demoraria para acontecer. A casa estava em reforma e me recusei a comprar qualquer coisa sem ele ao meu lado. Gael não se opôs, era a nossa casa e eu queria que tudo fosse do nosso jeito.

Não do meu gosto ou do dele, e sim do nosso.

Toquei a campainha e fiquei encarando a porta tão familiar. Eu tenho uma cópia da chave, mas no meu estado de nervosismo não faço ideia de onde ela esteja.

— Hanna? — Mag me encara confusa, olha em volta e percebe que estou sozinha — Por que você não entrou?

Não consigo falar, meus olhos se enchem de lágrimas e me jogo nos seus braços.

— Deus, Hanna, o que houve? — Ela passa as mãos pelo meu cabelo, tentando me acalmar

enquanto soluços escapam da minha boca. — Você está me assustando. Venha, vamos entrar.

Seguimos para dentro do apartamento. Mag manteve tudo como estava, a única mudança foi no quarto. Ela passou a ocupar o meu antigo quarto, que era bem maior e ganhou de presente uma cama que poderia caber um time de futebol.

Não preciso contar de quem foi o presente.

— O que ele fez dessa vez? — disse assim que sentamos no sofá.

Mag ainda era um pouco resistente em relação a Gael. Para ela, qualquer lágrima que eu derramava, ele era o motivo.

— Ele não fez nada, Mag. Bem, pelo menos não sozinho — digo suspirando e entrego o papel que está meio borrado pelas lágrimas.

— Não me diga que isso é *aquele* papel? — pergunta irradiando raiva.

Não era o exame que ela estava acostumada a me ver olhando, aquilo foi para o lixo há muito tempo.

— Olhe primeiro, Mag, depois você pode falar alguma coisa.

— AI. MEU. DEUS! — diz tão alto que preciso tapar os ouvidos. — Isso aqui? Eu preciso de ar. Não, eu preciso de uma bebida.

Mag corre para a cozinha e logo depois volta com uma garrafa de Vodca e dois copos.

— Mag, eu não posso — digo sorrindo e devolvo o copo que ela me entregou.

— Tudo bem. Um por mim — ela vira o primeiro — e um pela nova mamãe. — E o segundo esvazia com a mesma velocidade que o primeiro.

Seu rosto cora com a quantidade de álcool e não consigo conter um sorriso.

— Ele já sabe?

— Ainda não.

— O que você tem? Não está feliz?

— Não sei ao certo o que estou sentindo — finalmente consigo dizer. — É uma mistura de sentimentos tão grande, Mag. Uma felicidade e ao mesmo tempo um pânico.

— Está com medo da reação dele? Ele te ama, Hanna. Isso é claro, lembra do que ele fez pelo Travis? Gael tem o dom para ser pai, acredite.

Isso eu não poderia discordar. Impossível esquecer o que ele fez por Travis, pois foi por causa disso que descobri que ele me escondia algo e tivemos nossa primeira briga como noivos.

*

— Você tem certeza que quer fazer isso? — Estávamos deitados na cama. Gael teve uma

semana de folga antes do próximo show que seria no Canadá, então estava em casa e queria resolver algumas pendências.

— Sim, acho que vai ser bom para ele.

— Ele gosta muito de você, acho que nunca o vi tão entusiasmado com algo.

Travis se tornou muito próximo dos meninos da banda. Gael era como um pai, ele orientava cada passo, e como recompensa, Travis sempre ouvia o que ele dizia.

— Quero que você vá comigo entregar as chaves.

— Tudo bem — eu disse sorrindo, beijando seus lábios.

Gael resolveu dar de presente para Travis o apartamento que comprou quando estava tentando me impedir de mudar. O lugar era bom e não era tão perigoso como ele e Maggie disseram na época. O apartamento era espaçoso e Travis ia amar.

— O que você vai fazer com os outros dois? — Senti seu corpo enrijecer. — O que foi?

— Eu ... — Ele se sentou na cama passando a mão no cabelo. — Não sei ainda.

Notei que não me olhava nos olhos.

— O que você está escondendo? — Seu olhar dizia tudo o que eu estava suspeitando. Ele estava escondendo algo, e pelo medo em seus olhos e sua mão passando nervosamente pelos seus cabelos, tudo indicava que era algo que eu não gostaria de ouvir.

Gael tinha essa mania, sempre que ele estava nervoso com algo, o que geralmente me envolvia, ele praticamente arrancava os cabelos.

— Eu não comprei os outros dois.

— O quê? Quem comprou? — Não estava entendendo o motivo de tanto nervosismo. Se ele não era o comprador, tudo bem, isso não deveria deixá-lo nesse estado. Mas algo em seus olhos o denunciou e eu soube imediatamente quem era o outro comprador.

— Hanna, volte para a cama — disse assim que me levantei. Meu corpo envolvido apenas com lençol, seu olhar era suplicante.

— Quanto tempo? Há quanto tempo você esconde essa informação de mim, Gael?

— Não é bem assim.

— Porra!!! Quanto tempo? — explodi.

— Hanna, eu só queria te proteger.

— Proteger? Escondendo essa informação? Isso não é proteção, Gael. Eu não sou uma criança.

— Eu sei, tudo bem, foi estúpido. O que você está fazendo? — disse enquanto eu me vestia.

— Eu vou para casa.

— Sua casa é aqui, Hanna — disse com um meio sorriso.

— Nesse caso, Gael, acho que alguém vai dormir no quarto de hóspedes. — Cruzei os braços e

o encarei.

Ele sorriu, aquele maldito sorriu e colocou os braços atrás da cabeça. Ele estava nu e nem se preocupou em se cobrir.

— Os quartos estão todos ocupados, você sabe disso.

— Durma com Micah então. Ou prefere que eu durma? — Como um raio Gael levantou da cama e me encurralou na parede.

Ele ainda não estava cem por cento, mas seus movimentos estavam bem melhores e no quarto ele nunca poupava esforço.

— Está me desafiando? — Puxou o lençol, expondo meu corpo, ao mesmo tempo que colava seu corpo no meu. O contato da sua pele na minha era o combustível que faltava.

— Você não vai me comprar com sexo.

— E quem disse que eu quero comprar você com sexo? — Passou as mãos entre as minhas coxas — Quero fazer amor com você, até que me perdoe.

Deus, ele mordia o meu pescoço enquanto falava, fazendo-me esquecer meu nome e inclusive o motivo da nossa briga.

— Vai me deixar cuidar de você? — Ele levantou minha perna direita, engatando na sua cintura.

— Prometa que não vai mais esconder nada. — Olhei nos seus olhos aguardando sua resposta.

— Prometo que vou cuidar de você.

— Você é frustrante.

— E você é deliciosa.

Gael começou a me penetrar lentamente, segurando minha perna enquanto eu me apoiava nos seus ombros. Minhas costas estavam pressionadas na parede ao lado da porta, enquanto nossas línguas dançavam minha música preferida.

A nossa música, um ritmo só nosso, sem pressa. Gael conseguia me deixar excitada apenas com seus beijos e ele usava essa arma sempre a seu favor. Seus lábios macios uniam-se aos meus e sua língua passava suavemente nos cantos da minha boca quando ele queria algo.

Seus gemidos, Deus! O som dos seus gemidos, era demais.

— Eu não vou aguentar muito tempo — disse quebrando o nosso beijo.

— É para isso que estou aqui, para fazer você desmoronar, baby. Pode cair, Hanna. Eu vou segurar você.

Ele começou a me penetrar com mais força, aumentando nosso ritmo e quando gritei seu nome, ele mordeu minha orelha gemendo que me amava, pedindo perdão, enquanto gozava também.

*

Estou deitada no sofá quando Mag traz uma xícara de chá. Ainda estou nervosa com o resultado do exame, não sei se aflita pela reação do Gael ou pela minha. Isso é tão apavorante!

— Sente-se melhor? — minha amiga fala em um tom compadecido.

— Na verdade, não — respondo sinceramente.

— Quando ele volta?

— Amanhã. — Pego o meu celular para verificar se há alguma mensagem dele, não sei se poderia responder nem a um simples oi.

— Você pode dormir aqui e amanhã ir encontrar o seu roqueiro para dar a notícia.

— Eu não tenho certeza, Mag.

— Do que você está falando? — ela fala assustada.

— Não quero me casar.

— O quê? — Mag levanta do sofá tão rápido, que é como se tivesse levado um soco.

Passo a mão no rosto tentando organizar meus pensamentos.

— Não é isso, Mag, deixa eu explicar — ela senta no sofá e me olha confusa —, não quero me casar assim, correndo. Você me entende? — Ela nega e eu continuo. — Eu tenho certeza que assim que ele souber da gravidez, vai me arrastar para uma igreja e não é isso que eu quero. Quero que nossos planos sigam como combinado, entende?

— Definitivamente, não.

— Certo, eu estou apavorada com a ideia de me mudar para Los Angeles e agora, com a gravidez, esse pânico aumentou significativamente.

— Deus, Hanna, por um momento eu pensei...

— Oh, Deus, não, Mag! De jeito nenhum, por mais apavorada que esteja, eu amo essa criança.

Minha amiga suspira aliviada e a conversa volta no tempo, exatamente para o dia em que Troy achou a casa perfeita.

*

— Boas notícias, Troy achou uma casa. — Gael estava sentado na cama me observando enquanto me arrumava. Estávamos em um hotel em Las Vegas, tínhamos acabado de chegar de um show e estava exausta.

— Sério? — Minha curiosidade aumentou vendo o tamanho do seu sorriso.

— Sim, ele mandou umas fotos. Olhe. — Sentei ao seu lado e peguei o celular.

Passei cada foto devagar, realmente era uma casa impressionante. Vários cômodos, uma arquitetura moderna, paredes de vidro que garantiam uma excelente iluminação e uma vista impressionante.

— É linda — disse ainda hipnotizada com as imagens.

— É nossa.

— Você já fechou o negócio? — perguntei espantada. Por que isso não me surpreendeu?

— É meu presente de casamento para você. — Ele beijou meu pescoço.

— E se eu não gostasse?

— Conheço seus gostos melhor do que você, minha pintora. Mas, se esse fosse o caso, iríamos atrás de outra.

— Você tem solução para tudo, não é? — eu disse brincando.

— Quase tudo. — Ele piscou e sorriu, suas covinhas ficaram evidentes e não podia parar de admirá-lo.

Passamos uma semana longe um do outro e quando cheguei, encontrei com ele já dentro do camarim, faltando poucas horas para começar o show. Ele praticamente expulsou todos de dentro.

— Onde fica?

— O quê? — perguntou beijando novamente o meu pescoço.

— A casa, onde fica?

— Hum, podemos falar sobre a casa depois? Gostaria muito de fazer amor com a minha noiva agora. — Sua mão subiu pela minha coxa, a camisola de seda parecia ser feita de fumaça quando seus dedos tocavam a minha pele.

Deixei o celular de lado e comecei a me entregar à sensação dos seus dedos tocando a minha pele.

— Fique comigo essa semana, Hanna.

Pediu enquanto explorava a pele da minha coxa com dedos tão pacientes. Era como se ele estivesse tocando sua guitarra, com muito cuidado. Era amoroso e ao mesmo tempo, excitante.

— Você sabe que eu não posso.

— E você sabe, que eu posso fazer acontecer.

Ele levantou minha camisola mais um pouco até a altura da cintura. Não estava usando nada por baixo e ele suspirou. Estava deitada na cama, minhas pernas ainda para fora, completamente exposta e excitada.

Abri os olhos e o que vi me paralisou. Gael estava em pé e me admirava. Senti todo meu corpo esquentar. Ele não precisava me tocar para que eu sentisse o quanto ele me desejava. Seus olhos

absorviam cada detalhe do meu corpo. Eu sabia, porque era exatamente assim que eu olhava para uma pintura quando estava hipnotizada.

— Já disse o quanto você é linda? — Ele ainda estava em pé, e eu quase implorando para que me tocasse. — Feche os olhos, baby. Vou provar para você o quanto é linda e gostosa pra caralho.

Deus, suas palavras enviavam arrepios pelo meu corpo.

— Abra as pernas. — Senti suas mãos separando meus joelhos, lentamente.

Gael se ajoelhou entre as minhas pernas e começou a passar as mãos na minha coxa, seus dedos acariciavam lentamente a parte interna. Ele subiu devagar, fazendo daquele momento algo torturante e sexy.

Ele não falava, era apenas a sua mão trabalhando. Senti seus lábios no meu joelho, passando a língua, fazendo meu corpo reagir.

— Não se mova — ordenou e meu corpo relaxou.

Sua boca começou a assumir o lugar que momentos antes era dos seus dedos. Meus olhos ainda permaneceram fechados enquanto o sentia gemer cada vez que alcançava um ponto mais alto.

Não consegui resistir e meus gemidos ecoaram pelo quarto. Quando transamos no camarim, não foi com esse Gael que eu estive. Foi com a sua versão impaciente e faminta, a versão que me deixava com marcas roxas pelo corpo, tamanha era a intensidade do seu toque.

Naquele momento, aquela versão era diferente. Era um Gael paciente e apaixonado. Eu amava cada uma delas.

— Senti tanto a sua falta — consegui dizer.

— Não mais que eu. — Ele puxou as minhas pernas com força, levando o meu corpo mais para a beira da cama.

— Porra, você é muito gostosa.

Com essas palavras, ele beijou cada centímetro do meu corpo e quando chegou no ponto que eu ansiava, gemi. Sua língua não parou, ele colocou as minhas pernas em cima do seu ombro, enquanto suas mãos elevavam um pouco o meu quadril. Ele ditava o ritmo, e eu não me importava.

Gael mordia meu clitóris, arrancando um grito de prazer, logo depois beijava passando a ponta da língua. Ele estava me deixando completamente louca. Sua mão apertava a minha bunda, pressionando meu quadril no seu rosto.

Estava em uma espiral, e ele sabia disso. Gael conhecia o meu corpo como ninguém. E eu sabia que ele não me deixaria gozar assim. Não sabia o motivo, mas ultimamente, ele só me permitia gozar quando estava dentro de mim.

Quando ele parou, eu quase chorei com a perda do contato, mas ele foi rápido e logo se livrou da calça que estava vestindo. Ele me ergueu pela cintura e me colocou no centro da cama, seu corpo

pairava sobre o meu. Era algo que nunca me cansaria de assistir.

— Eu te amo, minha pintora. — Ele sorriu.

— Eu te amo, meu roqueiro.

Coloquei minhas pernas em volta do seu corpo quando senti-o me penetrar. Sua boca encontrou a minha, e consegui sentir o meu gosto na sua língua.

Segurei seu cabelo com força e ele entendeu o recado, eu queria desesperadamente gozar.

Quando o orgasmo me atingiu, meu corpo não tinha forças para qualquer movimento. Gael deu pequenos beijos no meu rosto, em seguida caminhou para o banheiro.

Diferente do que acontecia antes, quando ele estava em uma cadeira de rodas e eu sempre cuidava dele depois do sexo, depois que se restabeleceu os papéis foram invertidos. Assim, minutos depois, ele voltou com uma toalha úmida e começou a limpar minha pele. Ele não parou de beijar meu corpo durante o processo.

Quando ele retornou do banho, eu estava tão cansada que o assunto "casa" foi temporariamente esquecido. Eu só queria sentir seus braços em volta do meu corpo.

*

— Você não acha que está exagerando, Hanna?

— Não sei, Mag. A minha relação com Gael é tão cheia de altos e baixos. E agora essa gravidez. Estou assustada.

— Mas vocês se amam. Ele quer tanto um filho, Hanna.

— Eu o amo mais do que poderia imaginar, Mag. Minha vida mudou de cor desde o dia em que nos conhecemos. Mas são tantas coisas para considerar agora.

— Como foi que aconteceu? Você não usava um contraceptivo interno? — Mag faz a mesma pergunta que fiz à médica.

— Ele saiu do lugar. — Dou a mesma resposta que recebi da médica e vejo quando ela abafa uma risada.

— Quer dizer então, que ele é tão bem-dotado que conseguiu deslocar o seu contraceptivo?

E, pela primeira vez, desde que recebi o resultado, eu pude relaxar. Mag conseguia ver algo engraçado em qualquer situação.

— Certo, agora me conte dos meninos, como vocês estão? — falo quando terminamos de rir. Tentando tirar o foco do tamanho do pau do meu noivo.

— Estamos bem. — Ela é vaga.

Maggie não costuma falar muito sobre a sua relação com Josh e Braden. O máximo que

consigo arrancar é um "estamos bem".

Não dessa vez.

— Por favor, Mag. Preciso esquecer um pouco essa tensão. Não negue o pedido de uma grávida. — Dou o meu melhor sorriso.

— Que golpe baixo, Hanna!

— Eu nunca disse que jogava limpo. Vamos me conte algo, qualquer coisa — imploro, porém me arrependo imediatamente do pedido assim que ela sorri maliciosamente.

— Tudo bem, você que pediu. O que quer saber?

— Nada profundo, ok? Somente como vocês estão, como é a dinâmica entre vocês.

— Nada assustador, eu garanto. Eles são ótimos, Hanna. São incríveis para ser exata.

— E você não sente algo por eles? Ou por um deles?

— Você quer dizer amor?

— Sim, algo como amor.

— Não é como você e Gael, mas certamente eu amo os dois. De uma maneira nossa.

— Hum. Nenhum deles te atrai de outra forma?

— Hanna, você é minha amiga, mas há segredos que não devemos contar nem para o nosso anjo da guarda. — Ela pisca e eu sei que o assunto está encerrado.

— Você é frustrante! — Cruzo os braços e tento fazer uma careta.

— Se você quiser os detalhes sórdidos posso fornecer. — Ela sorri e eu tapo os ouvidos.

Essa é uma brincadeira que ela costuma fazer com frequência, tentando contar um detalhe picante de alguma noite dos três. Eu tapo meus ouvidos e ela sorri.

— Então, futura mamãe, vai dormir aqui?

— Acho que sim, não sei se quero passar a noite sozinha.

— Tudo bem, vou pedir algo para comermos então.

Mag sai do sofá e fico com os meus pensamentos. Pego meu celular e começo a olhar algumas fotos. Estamos tão felizes, em todas elas Gael está com um sorriso contagiante.

Ele é lindo de diversas maneiras e eu não soube na época, mas ele bancou todo o tratamento da Alice. Quando ela morreu, eu nunca o vi tão quebrado.

*

— Eu não sei como dar essa notícia, Micah. — Estávamos em Ohio*, e nos preparando para um* show *que começaria em três horas. E a mensagem que recebi minutos antes me desestabilizou totalmente.*

— Não existe maneira fácil, Hanna. Você sabia que ele estava pagando por todo o tratamento dela? Talvez ele até já saiba.

— Oh, meu Deus! Ele vai ficar destruído.

Era claro o carinho que ele tinha pela Alice, era a menina dos seus olhos. A princesa Alice, como ele costumava chamar.

— Ele vai ser forte, Hanna. Você está aqui com ele e ele vai aguentar.

Micah me abraçou e logo depois saiu do quarto, estávamos hospedados em um hotel no centro. Gael logo chegaria, havia saído com Josh e Braden para a academia, enquanto eu tinha ficado para descansar antes do show.

Olhei novamente para o celular, uma enfermeira do hospital me passou alguns detalhes de onde seria o funeral e enterro.

— Ei, por que você está chorando? — Gael entrou no exato momento em que eu enxugava as minhas lágrimas.

— Precisamos conversar.

— Aconteceu alguma coisa? Você está bem? — Gael fechou a porta e olhou por todo quarto, como se o motivo das minhas lágrimas estivesse ali.

— Como você está? — Ele me olhou com desconfiança e eu sabia que era uma pergunta estúpida, afinal ele saiu apenas para se exercitar.

— Sem rodeios, Hanna.

Segurei sua mão e fomos para cama. Quando olhei em seus olhos, não consegui me conter, ela era tão especial.

— Hanna, você está me assustando.

— Alice. Ela...

Não consegui terminar, olhei para o seu rosto e vi o entendimento. Eu não precisei dizer as palavras, ele entendeu.

Gael levantou e foi para o banheiro. Ouvindo um barulho, corri para ver o que aconteceu.

Ele deu um soco no box, o vidro todo estilhaçado pelo chão. Seu rosto estava tão vermelho. Olhei rapidamente para suas mãos e a direita estava sangrando.

Quando me viu, caminhou na minha direção e me abraçou forte. Sem perceber, estávamos abraçados, sentados no chão.

Gael chorou no meu colo, minha coxa sujou com o sangue que escorreu da sua mão machucada. Mas eu não me importei. Só gostaria de poder amenizar um pouco da dor que ele sentia.

— Eu estava tão confiante. — Sua voz estava embargada, lágrimas escorriam pela minha perna. — Eu fiz tudo que podia, Hanna. Como isso foi acontecer?

— Não era para ser, Gael. Ela cumpriu sua missão aqui. Deus tinha planos melhores para ela.

— Deus? Que Deus é esse que tira a vida de uma criança inocente? Que Deus é esse que permite que ela não tenha uma boa vida?

— O mesmo Deus que nos dá a vida, Gael. Somente ele tem o direito de tirá-la. Não diga uma coisa como essa. Alice não está mais sofrendo, não percebe? Não sente mais as dores do tratamento, as dores da doença. Ela está em paz.

Naquela noite, eu vi o quanto meu roqueiro era humano. Durante o show, foi feito um minuto de silêncio. E no final, algo que me surpreendeu, um piano foi colocado no centro do palco. Josh tocou enquanto Gael cantou a música Angel – Sarah Maclachlan, uma homenagem para o nosso anjo, que agora estava onde pertencia.

"In the arms of the angel
Fly away from here
From this dark cold hotel room
And the endlessness that you feel
You are pulled from the wreckage
Of your silent reverie
You're in the arms of the angel
May you find some comfort here."

Assim que terminou o show, um jatinho nos esperava. Gael fez questão de ir ao enterro. Foi um dos raros momentos em que estávamos todos em Nova Iorque. Micah, Braden e Josh também nos acompanharam no cemitério. Era um dia triste para todos. Alice significava muito mais para eles do que eu poderia imaginar.

*

— O que você está pensando?

— Estava lembrando da Alice — digo melancólica.

— Ainda é doloroso para ele?

— Um pouco, depois da morte dela ele parou de falar sobre filhos. Sempre que vinha me ver, ia no hospital e passava um tempo com as crianças.

— Ele sempre as adorou. — Mag sorri.

— Sim, e Alice era especial. Desde quando cortou o cabelo e fez a peruca para ela, eu

soube que ela seria especial de muitas formas.

Conversamos por mais algum tempo até a nossa comida chegar. Mag pediu um verdadeiro banquete e percebo que estou faminta.

Logo após o nosso jantar, olho novamente para o celular. Nada ainda, nem uma mensagem. O que é estranho, Gael costuma mandar pelo menos três mensagens ao longo do dia e antes de dormir sempre me liga.

— O que tanto você olha nesse celular? — Estamos sentadas no meu antigo quarto, a cama enorme, que os meninos deram de presente, ocupa um bom espaço.

A decoração é diferente, antes era tudo branco e agora há um quadro cheio de cores na cabeceira da cama, e muitas fotos.

— Nada, apenas conferindo.

— Ah, você já se tornou aquelas noivas chatas que verificam o celular a cada cinco minutos?

Mostro a língua e ela o dedo do meio. Às vezes somos tão maduras!

— Vou pegar uma camisola para você. — Mag levanta e vai até o closet. — Ei, você não me disse de quanto tempo está.

— Seis semanas.

— Uau — ela coloca a camisola na cama —, você já nota alguma diferença?

— Nenhuma, na verdade. Eu fui fazer um exame de rotina, para verificar o contraceptivo. Foi quando a médica viu que estava fora do lugar e passou o exame.

— Gael vai pirar — ela diz batendo palmas, claramente se divertindo.

— Vai. — Sorrio, pensando em quantas vezes ele disse para fabricarmos bebês.

— Vamos dormir, garota, amanhã será um longo dia.

Mag deita na cama enquanto troco de roupa. Ela tem razão, amanhã à noite Gael estará aqui e eu ainda não sei como dar a notícia.

Enquanto espero o sono chegar, começo a pensar nas vezes que viajei para vê-lo. Muitas dessas vezes tínhamos apenas um ou dois dias, raramente ficávamos uma semana juntos.

A última vez que isso aconteceu tivemos Roma como cenário, e foi exatamente há seis semanas, quando fabricamos o nosso bebê.

*

Tínhamos acabado de chegar, estávamos hospedados no Grand Hotel Plaza, que fica no distrito Sallustiano, local conhecido por monumentos, igrejas e basílicas. Troy nos reservou a suíte presidencial e era impressionante.

A banda tinha uma semana de folga, Gael resolveu que ficaríamos na cidade, enquanto Braden, Josh, Micah e Troy alugaram um carro e viajaram para Milão.

Com o tempo, percebi que Troy era bem mais que um empresário, ele tinha a idade de Braden, e como todos os outros, sua responsabilidade era somente com a banda, mulheres não eram mais que um passatempo.

— Troy caprichou na escolha do hotel — falei enquanto admirava a vista, eu poderia passar horas olhando a cidade.

— Não dê todos os créditos a ele, eu pedi por essa suíte.

Gael tirou a camisa, expondo suas tatuagens que eu nunca me cansaria de admirar. Quando mudei para o seu apartamento, meu primeiro projeto no estúdio foi um quadro do seu dorso. A mesma visão de quando está no palco, sem camisa, jaqueta de couro e as tatuagens ganhando vida a cada movimento.

— Temos um tempo antes do almoço, o que quer fazer? — Gael sentou na cama puxando meu corpo para o seu colo.

— Podemos ir visitar a basílica?

— Não sabia que era religiosa. — Ele passou a mão no meu cabelo.

— Não sou, mas estamos cercados de monumentos e seria um pecado não ir. Podemos ir na Fontana di Trevi, o que você acha?

— Acho que o único monumento que quero ver está sentado no meu colo.

— Você não cansa? — perguntei beijando o seu pescoço.

— De você? Nunca, baby. Você é tão linda, Hanna. — ele murmurou com as mãos entre as minhas pernas, meu vestido dava fácil acesso para os seus dedos fazerem o que quisessem.

Cada toque entre as minhas coxas era como uma faísca para o incêndio que ele começava a provocar no meu corpo. Não era a primeira vez que ele me tocava assim, mas sempre era inebriante.

— Diz, Hanna, o que você quer fazer? — Sua voz era apenas um sussurro doce, abri minhas pernas ainda mais.

Gael traçou beijos pelo meu pescoço, ele me tratava como seu eu fosse de vidro. Suas mãos pressionando com força, enquanto sua boca era lenta e tortuosa.

Ele era meu anjo e meu demônio e me levava em uma espiral de prazer.

Gael parou, me colocou em pé na sua frente e começou a me despir. Sua ereção cada vez mais crescente era visível mesmo com seu jeans.

— Deite-se, Hanna.

Meu corpo automaticamente obedeceu seu comando. Gael me observava com fome em seus olhos. Não consegui evitar o sorriso que surgiu nos meus lábios. Somente ele fazia com que eu me

sentisse assim, linda e desejada.

Ele começou a abrir a calça, sem pressa. Ele gostava de curtir cada momento que tínhamos, cada reação do meu corpo.

— Eu quero tanto você. Senti sua falta. — A cama afundou quando seu corpo pairou sobre o meu. Seus olhos refletiam toda emoção. — Eu não vou ser gentil, ok?

— Eu só quero você, Gael. Não importa como.

— Deus, eu amo tanto você.

— Mostre-me.

Ele sorriu, então me penetrou. Não era necessário mais nenhuma preliminar. Estávamos com tanta saudade que somente o som da sua voz fazia absurdos com meu corpo.

Eu era dele, e sempre seria.

Era isso que ele repetia enquanto me penetrava, cada vez mais profundo, cada vez mais intenso. Cada vez mais insano.

Gael era feroz com seus beijos intensos e perdi o fôlego por um momento. Ele gozou tão intensamente, sua mão apertando a minha bunda, pressionando meu corpo com força contra o seu. Eu não demorei, explodindo em um delicioso orgasmo.

— Vamos tomar um banho, depois saímos.

— É um bom plano. — disse passando a mão pelas suas costas, ele ainda estava dentro de mim.

Sempre quando transávamos, Gael ficava um tempo dentro de mim, não importava se ele estava por cima ou eu. Era o nosso momento, quando estávamos conectados além da luxúria. Apenas nós dois.

E eu amava cada um desses momentos.

*

As luzes já estão apagadas. Mag já adormeceu e eu estou com um sorriso bobo no rosto. Roma foi uma excelente lembrança, passamos por algumas situações com fãs, em uma delas ele até precisou correr um pouco. Foi engraçado, mas ele ainda não estava tão preparado para uma corrida, então, naquele dia, não saímos mais do hotel.

Minha rotina já havia se adaptado com a vida do *showbiz*, Gael é uma pessoa pública e eu não posso ignorar, e mesmo que ele tente me proteger, nem sempre é o suficiente.

Não demorou para a mídia me achar, tanto no hospital quanto na casa de detenção. Isso gerou matérias, que criou interesse pelos locais que eu trabalhava. Não vou negar, tivemos muitas doações.

Meu pai é um caso à parte, por mais que eu tenha uma boa relação com os meus irmãos, meu pai e minha mãe ainda se mantêm distantes.

Eu não sei como vão reagir com a notícia da gravidez e isso me assusta. Não sei como isso afetará a banda. Segundo Micah, Gael não é mais o mesmo. Não é algo ruim, ele disse, mas às vezes, eles temem pelo futuro da banda.

Olho novamente o celular, nenhuma mensagem ou chamada.

Ligo para conseguir alguma notícia, porque Gael nunca fica sem ligar antes de dormir e eu tenho certeza que hoje não tinha show.

A ligação cai na caixa postal, coloco meu celular na cabeceira e tento esvaziar minha mente. Eu preciso dormir. Preciso desligar um pouco.

Fecho os olhos tentando reprimir a vontade de pintar.

"Come along with me and don't be scared
I just wanna set you free
C'mon, c'mon, c'mon
You and me can make it anywhere
For now, we can stay here for a while
Cause you know, I just wanna see you smile"
One Call Away – Charlie Puth

Gael

O show em Paris não poderia ser menos surpreendente, mesmo subindo quase todos os dias em um palco, eu não consigo me acostumar com a sensação.

Como eu queria que Hanna estivesse aqui, Paris é uma cidade linda. Sempre faço questão que ela veja quando estamos fazendo show em outro país. É divertido ver como seus olhos brilham quando saímos para explorar a cidade.

Hanna é como uma criança descobrindo a vida e eu me sinto orgulhoso por proporcionar esses momentos.

Assim que as portas do elevador se abrem, olho para o corredor vazio.

— Merda — resmungo indo na direção do meu quarto, eu realmente queria que ela estivesse aqui.

Micah, Josh e Braden saíram para um bar, mesmo cansados eles ainda têm disposição para festas. Sorrio internamente. Há alguns meses, eu também tinha essa disposição.

Abro a porta da minha suíte e o que vejo me paralisa.

Tem uma mulher ali. Completamente nua.

— Acho que você errou de quarto. — Entro na suíte e a mulher me olha. Na verdade, me analisa.

— Acredito que não. — Sua voz é melosa e só faz meu o estômago embrulhar.

— Dê o fora. — Aponto para a saída. Ela apenas sorri e se aproxima.

Porra, estou tão cansado. Isso é sério?

— Que tal nos divertirmos um pouco?

Ela toca meu peito com as mãos e eu seguro seus punhos e a afasto.

Não é novidade uma situação como essa. Já tivemos fãs escondidas embaixo da cama, dentro do guarda-roupa e até mesmo no banheiro. Eu nem me dava mais ao trabalho de brigar com a segurança, sempre alguém conseguia escapar e entrar em um dos quartos.

— Acho que minha ideia de diversão não é a mesma da sua. — Olho em volta para tentar achar suas roupas. Quando as localizo, jogo para ela. — Vá.

Aponto mais uma vez para a porta.

— Você já foi mais divertido, Malloy — fala enquanto se veste.

Ótimo, pela intimidade eu provavelmente já dormi com ela. Que merda.

Sigo-a até a saída e quando abro a porta, dou de cara com Josh, Braden e Micah. Os três patetas estão prestes a gargalhar.

— Eu deveria ter desconfiado. — A mulher se aproxima de Josh, que entrega algumas notas, e ela sorri.

— Até a próxima, meninos. — Ela joga um beijo e vai na direção do elevador ainda fechando sua jaqueta.

— Você me paga, Josh.

— O quê? Ah, vai dizer que não foi divertido?

— Não, não foi nada divertido.

Eles entram no quarto, agora se dobrando de tanto rir, e eu tenho vontade de socar cada um deles.

— Qual é Malloy, não tem coisa melhor do que ver você desesperado tentando expulsar uma mulher. — Josh fala e se joga na cama.

— Faça ele parar, Braden, ou não respondo por mim. — Vou até o frigobar e pego algumas cervejas. — E você, Playboy, eu não acredito que também esteja nisso.

— A ideia era engraçada.

— Depois da Hanna, Malloy tem alergia a mulheres. — Josh ainda sorri quando Micah

entrega a cerveja.

— O que estão fazendo aqui? — Mudo de assunto.

— Não estamos no clima para sair, então trouxemos baralho. — Braden mostra o jogo de cartas.

Merda, vai ser uma longa noite.

— Quanto tempo não fazemos isso?

— Mais de um ano. — Josh é enfático.

— Eu não acredito que vou topar. — Esfrego meus cabelos em derrota.

Todos me olham com expectativa e não quero ser um estraga prazer. Olho para o relógio, já é tarde e eu ainda não falei com a Hanna. Evitei ligar durante o dia, amanhã vou chegar antes do combinado e pretendo fazer uma surpresa.

Mas agora, porra, meus amigos estão com cara de cachorro que caiu da mudança. Quando costumávamos jogar *Pôquer* passávamos horas arrumando confusão. Nosso jogo era diferente, sempre que alguém perdia uma rodada, tinha que fazer algo estúpido ou perigoso.

Eu estava ferrado, Hanna me castraria qualquer que fosse a opção.

— Tudo bem. — Josh praticamente pula da cama — Mas, sem mulheres, ok?

— Eu não prometo nada. — Josh sorri e começamos a organizar a mesa.

Micah envia um texto para Troy avisando que estamos jogando. Imagino que ele deve ter ficado enfurecido, Troy é quem nos tira dos problemas. No nosso último jogo, Micah foi parar na cadeia por roubar uma viatura policial.

Bons tempos.

— Estava sentindo falta disso. Quando estivermos em Nova Iorque, deveríamos convidar as meninas para jogar, quem sabe apimentar um pouco as coisas.

Josh fala e eu bato na cabeça dele. Quando Braden começa a embaralhar as cartas, lembro quando estávamos jogando em Amsterdam.

*

— Estamos em Amsterdam, podemos conseguir qualquer coisa aqui — Josh falou animado.

— Cara, você realmente está a fim disso? — falei perplexo.

Dessa vez foi Micah quem perdeu e Josh escolheu o castigo. Ele queria que Micah transasse com uma mulher na nossa frente. Mas teria que ser da forma como nós sabíamos que ele gostava.

— Podemos ir a um clube. — Braden sugeriu.

— Ele perdeu, conhece as regras e com certeza conhece algum clube aqui onde podemos fazer

isso.

— Você é um pervertido, Josh — disse bebendo um pouco da minha cerveja.

— Não vai me dizer que isso não te excita, Malloy?

— Vamos lá, conheço um lugar — Micah falou, todos me olhavam aguardando o meu comando. Porra, confesso que aquilo me deixava excitado. Dei de ombros e logo estávamos em um táxi indo para um clube de sexo.

Micah conseguiu entrar sem problemas, ele comunicou que estávamos com ele e logo seguimos para o andar superior.

O clube não se parecia em nada com clubes de sexo comuns, havia pessoas na pista de dança, um bar e garçons servindo. Música de boa qualidade, ou seja, ninguém desconfiava do que tinha lá.

O segundo andar era surpreendente, um largo corredor, com várias fileiras de portas, lustres de cristal decoravam o teto e pinturas sensuais adornavam as paredes.

— Ouçam. Independentemente do que virem aqui, não se metam, não falem, não atrapalhem. Eu sei o que estou fazendo.

— Merda, agora sim fiquei excitado — Josh falou.

— Tudo bem — disse enquanto ele abria a porta de um quarto.

A enorme cama no centro, com lençóis de cetim, era um convite para o sexo. Tudo naquele quarto exalava luxúria. Micah apontou para um sofá que ficava próximo o suficiente da cama. Era lá que íamos ficar sentados, observando.

— Sem uma palavra — ele disse, enquanto tomávamos nossos lugares.

Micah andou em direção a uma outra porta e a abriu para que uma pessoa entrasse. Na época nós não a conhecíamos. Callie entrou no quarto exalando confiança, era uma mulher realmente surpreendente.

Ela caminhava tranquilamente, os cabelos longos e roxos. Usava uma camisola minúscula preta, que apertava seu busto e mostrava o pedaço de pano que ela provavelmente chamava de calcinha.

Seus saltos ecoavam pelo quarto, enquanto se aproximava da cama. Não nos deu um olhar, mas assim que olhou nos olhos do Micah, algo se acendeu.

Ele passou o dedo lentamente pelo rosto dela, descendo pelo busto. Em seguida, em um golpe rápido, ele rasgou a camisola ao meio.

— Puta que pariu — Josh sussurrou, ganhando uma cotovelada na costela. Braden e eu olhamos para ele ao mesmo tempo. — Vou ficar calado.

Micah e Callie estavam totalmente alheios à plateia. E foi nessa noite que descobrimos como ele era de verdade.

Quando ela se ajoelhou e ele surgiu com um par de algemas, todos nós começamos a nos

ajustar no sofá. Estávamos excitados pra caralho. Esse tipo de sexo nunca foi a minha praia, mas confesso que no fim, todos nós acabamos tendo uma experiência inesquecível.

*

O sol já está alto quando voltamos para o quarto, fazia muito tempo que não nos divertíamos tanto.

O jogo de *Pôquer* rendeu. Perdi a rodada, porém todos nós cumprimos o desafio. Posso não ter morrido, mas com certeza Hanna me mataria se descobrisse.

— Vou pegar as minhas coisas e ir direto para o aeroporto. — Olho a hora e vejo que já estou atrasado.

— Mande lembranças para Mag — Josh diz sorrindo, seus braços estão em volta do corpo do Braden. Estamos todos bêbados demais e sorrindo como idiotas.

— Pode deixar, vou apenas jogar uma água no corpo e sair. Micah, você vai?

— Nem pensar, o Playboy aqui está nos devendo uma.

— Vamos deixar para a próxima. — Micah fala e eu olho desconfiado.

Já faz algum tempo que ele evita ir para Nova Iorque e não nos conta o motivo. A única vez que voltou foi para o enterro da Alice, e assim que acabou, nós voamos novamente.

Estamos quase chegando até a porta do meu quarto quando Troy aparece carregando um tablet, e pela expressão, ele não tem boas notícias.

— O que vocês acham que estavam fazendo? — ele fala praticamente gritando, o tom de voz dele faz com que nossos sentidos fiquem em alerta, ignorando a embriaguez.

— Do que você está falando? — falo e ele vira o tablet para que todos vejam.

Puta merda, eu estou ferrado.

Ao mesmo tempo que ainda estamos lendo a matéria, meu celular toca. Olho no visor e estremeço. Merda.

— Na categoria de um a dez, o quanto estou ferrado? — falo assim que atendo o telefone.

— Eu diria... doze. — Eu me afasto entrando no quarto, enquanto Troy dá uma bronca em todos.

— Senti sua falta.

— Ainda está em apuros, Malloy.

— Eu já estou indo para o aeroporto. Quando chegar conversamos, ok?

— Estou na casa da Mag, você pode vir me buscar aqui? — Seu tom era cauteloso.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, está tudo bem. Passei a noite aqui com ela, apenas não quero ir embora ainda.

— Tem certeza que está tudo bem? Ouça, aquilo foi idiotice, eu sei. Prometo que não vai se repetir.

— Com certeza! Quatro homens pelados gritando que são os reis do mundo no terraço de um hotel, é idiotice.

— O cara do Titanic fez e ninguém reclamou.

— Ele estava vestido, Gael. E não bêbado a mais de trinta metros de altura. O que deu em vocês?

— Você viu as fotos?

— Pode ter certeza que sim.

Droga.

— Conversamos quando eu chegar, ok? Já estou atrasado, acabamos de sair do terraço.

— Vocês só desceram de lá agora?

— Não estávamos pelados até agora, se é isso que você quer saber. — Hanna suspira e eu tento abafar uma risada.

— Conversamos quando você chegar, então.

— Eu amo você, baby!

— Eu às vezes te odeio.

Ela desliga e eu sorrio, vou para o banheiro e tomo um banho em tempo recorde. O cheiro do álcool parece que não quer sair do corpo.

Pego a mala, coloco boné e óculos escuros. Um carro já está à minha espera, envio um texto para Braden avisando que já estou indo. Ele não responde, provavelmente já está dormindo. Eu tenho um longo voo pela frente, acho que vou aproveitar e dormir também.

Quando embarco, assim que possível, vou para o quarto e peço para ser chamado somente se for necessário. Nada de comidas, eu precisava de um bom sono e não pretendia ficar dormindo quando chegasse em casa.

Mergulho na cama e agarro o travesseiro. Impossível não lembrar da primeira vez que transamos nesse jatinho. Era o nosso primeiro voo nele e a banda toda estava a bordo.

Hanna nunca foi tímida, mas algo nela, aquele dia, me fez sentir vontade de fazê-la gemer tão alto, que até o piloto saberia o que estava acontecendo dentro daquele quarto.

*

— *Eu não acredito que você disse para todos que vamos transar.*

— *Você está gostosa demais nesse vestido, jamais deixaria passar despercebido.* — *Peguei sua*

mão e levei para a minha ereção.

— Precisava anunciar? Vou ouvir piadas da Mag por um bom tempo.

— Esqueça a Mag. Volte sua atenção para outra coisa. — Sua mão foi para dentro do meu jeans e senti a pele dos seus dedos tocarem a ponta do meu pau. Porra, isso era muito bom.

Hanna lambia os lábios enquanto desfazia a trança em seus cabelos. Eu amava como eles caíam em suas costas e, principalmente, amava como podia segurá-los com força quando estava enterrado dentro dela.

— Eu vou fazer você gritar, baby.

— Você está impossível hoje. — Mesmo não querendo, tirei a mão dela de dentro do meu jeans e caminhei em volta. Ela estava linda, um vestido de verão curto que deixava muita pela exposta.

Passei meus dedos pelo seu ombro e vi como seus pelos se eriçaram, beijei sua omoplata e ela tremeu sob meus lábios.

Era excitante ver como seu corpo reagia a cada toque meu. Sentia uma vontade louca de fazê-la gritar meu nome, implorar por mais quando eu a fizesse gozar. Eu sempre conseguia o que eu queria.

— Quero você nua, na cama. — Tirei seu vestido e ela ofegou, seus olhos cor de esmeralda me encararam, um brilho suave surgiu quando o tecido escorregou pelo seu corpo, deixando-a apenas com calcinha e sutiã.

Hanna caminhou até a cama deitando em seguida, ela ainda não percebeu, mas há uma pequena cesta no quarto, eu a peguei e levei para a cama.

— O que você tem aí? — Hanna perguntou com curiosidade.

— Estou com fome, você não? — Ela me encarou espantada, e eu não contive o sorriso. — Deite-se, vou comer você, Hanna.

Então, o brilho que eu estava tentando provocar se acendeu. Hanna era uma mulher muito sexual e adorava me surpreender no quarto. Mas ali, eu ia devorá-la, cada centímetro da sua pele, e com chocolate.

— Não se mexa, ok? Não queremos bagunçar tudo por aqui. Feche os olhos.

Ela obedeceu, colocou os braços acima da cabeça e logo em seguida, eu tirei sua lingerie. Ela estava completamente nua, a pele branca levemente corada pelo tesão e expectativa. Eu adorava isso no sexo, a expectativa e o desejo pelo que estava por vir.

Abri o pote de Nutella e com o dedo comecei a espalhar o doce pelo corpo dela. Seus seios rijos imploravam para serem chupados. Porra, chuparia cada um deles, e esse doce nunca mais seria o mesmo depois daquele dia.

Passei um pouco na sua barriga, Hanna respirava cada vez mais pesado. Mas, em nenhum

momento abriu os olhos, e era isso que eu amava no sexo com ela. Hanna sempre fazia o que eu dizia.

Desci mais um pouco, passando pelo seu ventre e alcançando sua boceta. Toquei suas coxas e ela entendeu o recado, abrindo-se mais. Peguei mais um pouco do doce e passei no clitóris, colocando um pouco mais de pressão e ganhando um gemido dos seus lábios.

Passei entre as suas dobras e quando me dei por satisfeito, retirei minha camisa e meu jeans. Meu pau nunca me agradeceu tanto por estar livre.

— Agora, baby, eu vou comer você. — Meu hálito quente tocou sua pele e eu vi seu corpo se arquear, implorando para ser tocado. Hanna não falou, mas seu corpo emitia tantos sinais que era um verdadeiro deleite para os meus olhos.

E eu obedecia aqueles sinais. Minha boca encontrou seu seio esquerdo e ela gritou com o contato inesperado dos meus dentes na sua pele.

Nutella nunca teve um gosto tão bom.

— Oh Deus! — ela gemeu enquanto minha boca chupava seu seio cada vez mais forte.

Minha boca era o único contato que ela tinha. Hanna se contorcia, ela queria que eu a tocasse, ela amava quando meus dedos cravavam na sua carne, mas eu não estava com pressa. A tortura estava sendo excitante demais.

— Gael, por favor.

— Nosso voo é longo. Não tenho pressa e ainda estou com fome.

Ouvi-a gemer novamente quando minha língua passou pela sua barriga. Olhei para suas mãos e vi que ela apertava os lençóis com força.

Hanna era quase ativada pelo toque. Eu poderia apostar que ela nunca esteve tão molhada.

E porra, como eu queria prová-la.

Quando minha boca encontrou seu clitóris, minha língua começou a lamber toda a Nutella que espalhei no local. Hanna não se conteve e outro grito escapou dos seus lábios.

Porra, estava duro pra caralho agora.

Abri suas pernas ainda mais e minhas suspeitas foram confirmadas, Hanna estava tão molhada, tão pronta.

Sentei na cama e a levei comigo, nossos olhos se encontraram e o que eu vi, fez meu controle se esvair. Era tanto desejo e tanta paixão. Hanna se posicionou e logo estávamos na posição flor de lótus, eu amava essa posição.

Ela beijou meus lábios, mordendo vez ou outra, rebolando devagar em cima do meu pau. Seus seios em atrito com o meu peito, faziam com que eu praticamente rosnasse em sua boca. Ela era tão paciente quanto eu, seu ritmo era lento, e dessa vez ela estava no comando e eu estava adorando.

Meus dedos desceram lentamente ao logo da sua espinha, nossas bocas não se separaram. Minhas mãos iam na direção da sua bunda e apertei com força. Meu dedo deslizou para seu ânus, devagar. Ela ofegou quando meu dedo a penetrou, mas não diminuiu o ritmo.

Eu sabia como excitá-la, como deixá-la tão louca a ponto de me deixar fazer tudo o que queria com o seu corpo.

Assim que funcionávamos, Hanna era minha em mais de uma maneira. E quando gozávamos, era como se nossas almas se fundissem. Formando uma só.

Não era segredo que ela me pertencia, o que eu não esperava era que eu pertenceria a ela também, a cada grito de prazer, cada gemido, cada arranhão nas minhas costas ordenando para ir mais forte. Meu corpo, minha alma, meu coração, tudo era dela.

*

Acordo com uma batida leve na porta e olho atordoado para o relógio. Ótimo, dormi a viagem inteira.

— Já estou indo. — Alongo meus músculos antes de ir ao banheiro para lavar o rosto. Olho o reflexo e é impossível conter o sorriso que surge.

Porra, eu estou com muitas saudades da minha pintora.

Sento na poltrona e aperto o cinto, eu odeio a hora do pouso. Minhas mãos apertam com um pouco mais de força os braços da poltrona enquanto tento manter minha respiração sob controle.

Assim que minha tortura acaba, a equipe me cumprimenta e nos despedimos. Já é início de tarde em Nova Iorque. Pego a mala e sigo na direção da saída. É nesse momento que o mundo para de girar.

Hanna está em pé, deslumbrante em seu jeans simples e camiseta habitual. Ela não precisa de absolutamente nada extravagante para tirar meu fôlego. Um simples sorriso e eu estou perdido.

Largo a mala de qualquer jeito e corro na sua direção. Assim que ela me vê, não hesita e vem ao meu encontro. As poucas pessoas que estão no local olham desconfiadas. Foda-se, eu não me importo.

Quando nossos corpos colidem e meus braços a envolvem, é quando sinto que eu cheguei em casa. Afundo meu rosto no espaço entre seu ombro e pescoço. Hanna sorri com o contato dos meus lábios na sua pele.

— Como você sabia a hora do meu voo? — Seguro seu rosto com as duas mãos. Os olhos vermelhos entregam que ela estava com tanta saudade quanto eu.

— Micah me avisou. Eu queria fazer uma surpresa. — Ela dá de ombros.

— Eu acho que tenho que pensar em outra surpresa então, você roubou a minha ideia. — Beijo seus lábios e ela retribui de bom grado.

Deus, como é bom sentir seu gosto.

— Vamos para casa, baby. Eu quero sentir você de todas maneiras que puder. — Hanna suspira e vejo fogo em seus olhos. Isso e algo mais que não consigo identificar.

— Vamos para casa.

Volto para pegar minha mala e saímos em direção ao estacionamento. Um mês depois de ficarmos noivos comprei um carro para ela. Mesmo sabendo que não gostava de dirigir e tinha seu próprio carro, eu fiz questão de presenteá-la. E isso gerou uma enorme discussão.

Por fim, Hanna acabou cedendo e hoje em dia dirige um belo Land Rover, mesmo suspeitando que ele fique na garagem. É sexy demais vê-la dirigindo um carro desse porte.

Passamos todo o trajeto conversando, o que não é diferente de outros momentos. Hanna não para de falar, contando como está indo com Mag e seus trabalhos. Suas consultas com Dr. Hunt ainda continuam, mesmo que na maioria das vezes as visitas sejam apenas como amigos.

Estou orgulhoso de como ela melhorou com a questão das pinturas, já não passa tanto tempo dentro do estúdio. Fica mais atenta com seus horários. E isso é um grande avanço, já que o relacionamento com seus pais não avançou em nada. Não posso dizer o mesmo dos seus irmãos.

— Como estão Enan e Malika? — pergunto sem tirar a atenção do trânsito.

— Estão bem, pretendem vir me visitar mês que vem.

— Que bom, e quanto a nossa mudança? O que eles acharam? — Sinto-a estremecer.

Nossa mudança ainda é um caso delicado, sei que é um grande passo, mas eu definitivamente gostaria que ela fosse mais receptiva à ideia. A casa fica localizada em um local maravilhoso, é perfeita para uma família.

— Eles vão ficar deslumbrados com a ideia. — Percebo que ela ainda não avisou aos irmãos sobre a mudança, resolvo não pressionar.

Por mais feliz que ela esteja, eu sei que há algo errado. E isso me incomoda.

— Alguma notícia dos seus pais? — pergunto aproveitando o sinal vermelho para olhar seu rosto.

— Tudo na mesma, por quê?

— Poucas coisas tiram o brilho dos seus olhos, Hanna.

— Eu...

— Você quer que eu pare? Podemos parar em algum lugar e conversar.

— Não, é melhor chegarmos logo em casa. Gostaria que conversássemos lá, por favor.

— Tudo bem. — Beijo sua mão e volto minha atenção ao trânsito.

A cidade parece determinada a me irritar, o trânsito quase parado, Hanna perdida em seus pensamentos. Só me resta ficar atento enquanto minhas memórias me levam para o dia em que discutimos dentro do carro.

*

— Isso é idiotice, Gael. — ela disse impaciente.

— Sério? Aquele cara estava praticamente babando em cima de você Hanna.

— Assim como suas fãs babam em cima de você. — ela disse cruzando os braços fazendo cara de poucos amigos. Loirinha irritante.

— Você está sendo imatura.

— Você está de brincadeira. Eu? Imatura? Você é quem está todo nervoso só porque me viu conversando com um amigo.

— Agora são amigos? — Hanna me fuzilou com o olhar. Estávamos parados no trânsito, algum acidente aconteceu e a chuva que caía só piorava tudo.

— Se você continuar agindo como um idiota eu vou a pé para casa.

— Faça o que você quiser. É você quem está agindo como uma fedelha mimada.

— Fedelha mimada? — ela não esperou mais nenhuma palavra, abriu a porta do carro e senti as gotas de chuva. Gritei seu nome antes de escutar a porta batendo com força.

Droga.

Desci do carro e ouvi alguns motoristas buzinando, que se danassem, a droga do trânsito estava parado mesmo. Hanna estava andando na calçada, seus passos determinados, ela estava enfurecida, segurando a barra do seu vestido para não encostar no chão, e pelo movimento dos seus lábios, devia estar falando todos os palavrões que ela conhecia.

O que era para ter sido um almoço tranquilo, foi transformado em um verdadeiro desastre. Quando acabamos de almoçar, fui ao banheiro e quando retornei um engomadinho estava sentado na minha mesa, com a minha mulher. E o pior, ela estava só sorrisos.

— Hanna, espera!

— Não encosta em mim, Gael! — Ela se desvencilhou do meu toque.

— Vamos voltar para o carro. — Olhei suplicante.

— Você exagerou, Gael, me expôs ao ridículo na frente de pessoas estranhas.

— Estamos no meio da rua Hanna, na chuva, quer mesmo ter essa conversa aqui? — Seu cabelo ensopado grudava no seu rosto, seu vestido ficava cada vez mais transparente e colado, aquilo sim estava me deixando nervoso.

— Não vou voltar com você. — Ela foi taxativa.

— Ok, quem está sendo idiota agora?

— Está me chamando de idiota? — Avançou na minha direção e eu a segurei pela cintura.

— Você fica linda quando está brava. — Tirei o cabelo do seu rosto.

— Estou longe de brava, Gael, estou mais para furiosa.

— Vem ficar furiosa no carro então, você vai acabar adoecendo assim.

Depois de muita insistência, fomos para o carro. Hanna me deu o tratamento do silêncio durante todo o percurso e para completar, como se fosse algum tipo de castigo do além, eu peguei um baita resfriado.

O lado bom de ter adoecido, foi que a minha pintora ficou como minha enfermeira, esquecendo inclusive da foto que saiu no jornal sobre o escândalo no restaurante.

*

— Gael? — ela fala e volto minha atenção ao presente — O sinal abriu.

Olho para o trânsito que começa a fluir novamente e seguimos viagem no mais absoluto silêncio.

Assim que chegamos no apartamento, Hanna não larga a minha mão. Apenas quando falo com Sarah é que ela parece relaxar um pouco.

— O que você está fazendo? — Ela se assusta quando a pego no colo indo na direção do elevador. Esse troço até que ainda é de alguma serventia.

— Mimando você, acho que alguém aqui estava com muita saudade. — Beijo sua cabeça enquanto ela aperta mais o meu corpo.

Abro a porta do quarto com a perna, Hanna ainda está no meu colo, porém parece mais relaxada e agora sorri um pouco.

— Temos que conversar — ela fala entre risos quando a jogo sem cerimônia na cama.

— Primeiro, preciso matar a saudade. E isso pode levar no mínimo dois dias.

— Só isso? — Brinca.

— Acho que alguém está mesmo com saudade. — Começo a tirar suas sapatilhas.

— Um pouco, talvez.

— Ah, minha pintora, você vai se arrepender. Confesse. — Começo a fazer cócegas nos seus pés.

— Isso é golpe baixo.

— Fale e eu paro. — Seguro firme sua perna enquanto ela se debate.

— Está bem — ela fala entre risos. — Estou grávida.

Minhas mãos param imediatamente, olho no seu rosto e vejo espanto. Foi algo espontâneo, seu sorriso morre assim que percebe que eu a observo.

— Gael, eu... — Hanna senta na cama e me olha apreensiva.

Não consigo me mexer, não consigo falar. Caralho, eu não consigo sequer respirar! Será que é assim que uma pessoa morre de ataque cardíaco? Porque eu tenho quase certeza que estou tendo um.

— Repete.

— Eu... nós... você vai ser pai.

Pai!

Eu deveria estar feliz, não deveria? Estar pulando de alegria, gritando aos quatro ventos, era isso que eu queria. E a minha única reação é correr para o banheiro.

— Gael? — Hanna bate na porta, certamente ouviu o barulho de tudo que estava voltando do meu estômago, o que era quase nada na verdade, já que não havia comido nada desde ontem ou será que era hoje?

Merda, eu nem sabia que dia era hoje.

Ataque cardíaco, esse seria meu diagnóstico na hora da autópsia.

— Você está bem? — Consigo sentir a preocupação na voz dela, merda, eu deveria estar com ela, a apoiando.

Consigo erguer minha cabeça do vaso sanitário, dou descarga e encaro meu reflexo no espelho. Olheiras, cara de ressaca, uma dor no corpo. Parabéns, belo exemplo de pai.

— Já estou saindo — falo ao mesmo tempo que ligo a torneira e jogo água no rosto.

Pai, eu vou ser pai! E eu não faço ideia de como vou fazer isso.

— Você se sente melhor? — Hanna pergunta assim que abro a porta do banheiro, meu coração despenca quando vejo seu semblante.

Minha pintora parece abatida, preocupada. No mesmo instante sinto-me como um imbecil, um grande imbecil.

Seguro seu rosto com as duas mãos, olhando nos seus olhos cor de esmeralda. Logo a imagem de uma criança com o mesmo olhar começa a ocupar minha mente. Hanna é uma das mulheres mais corajosas e fortes que eu conheço, mas eu conheço suas fraquezas, e nesse momento, todos os seus medos estão expostos no seu olhar.

Sem desviar meus olhos ou falar algo, começo a despi-la. Ainda estamos na porta do banheiro, mas não me importo. Quero ver seu corpo, quero olhar para ele e ver onde o meu filho irá se desenvolver.

Droga, se eu pensava que amava essa mulher antes, eu estava completamente enganado.

Todo medo e desespero que senti quando ela falou que estava grávida, estavam caindo junto com suas roupas.

A blusa saiu. Meu medo de ser um pai de merda também.

Seu jeans deslizou pelas suas pernas. Meu medo de que ainda é cedo demais foi junto.

Seu sutiã deslizou delicadamente, uma alça de cada vez. Meu medo de perdê-la se esvaiu.

Desci meu olhar e parei no seu ventre, me ajoelhando em seguida. Lembranças da noite anterior vieram à tona, fui imprudente e coloquei minha vida em risco.

Abaixei sua calcinha. E meu medo de ser um pai irresponsável, se foi.

— Eu ainda não sei o que dizer — falo olhando para o seu ventre. Sua barriga plana, sem nenhuma mudança. Toco delicadamente e sinto quando uma lágrima cai na minha mão.

Olho para cima e minha pintora está chorando.

— Estou tão assustada — ela confessa, mas não se mexe. Levanto praticamente arrastando meu corpo contra o dela, o atrito das nossas peles faz o meu corpo estremecer.

Abaixo um pouco meu rosto e encosto minha testa na dela. Nossos corpos tão colados, que quase parecemos um só. Então eu lembro, não somos dois corpos, somos três. Somos uma família.

— Eu também — digo.

— Eu sei que é cedo, e...

— Eu também estou assustado, porque eu nunca senti tanta felicidade quanto a que estou sentindo agora, Hanna. — Não a deixo terminar de falar, erguendo seu rosto para que olhe nos meus olhos. — Esse sentimento é tão novo que me assusta pra caralho.

— Eu tenho tanto medo, medo que essa criança sofra como eu sofri.

— Não nos compare com seus pais, nunca. Independente de qualquer coisa, essa criança nunca foi tão desejada.

— E se...

— Não tem lugar para "e se", Hanna, não para nós. Para mim, esse bebê só terá uma cor, a cor do nosso amor.

Seguro seu queixo, levando meus lábios até os dela. Sinto-a sorrir enquanto a beijo, entre lágrimas e risos, esse é o melhor beijo da minha vida.

— Vou ser cuidadoso. Prometo. — Hanna sorri quando a levo para cama.

Estou tão desesperado para estar dentro dela, que por um instante me preocupo com o bebê. Grávidas podem fazer sexo, não podem?

— Posso perguntar uma coisa? — falo meio sem jeito.

— Claro.

— Você pode fazer sexo? — Hanna percebe o que estou temendo e sem nenhum pudor começa a rir.

Mudando nossas posições, ela me deita de costas e monta em cima de mim.

— Sim, eu posso fazer sexo.

Com essas palavras, ela deixa que eu a penetre. Puxo seu rosto para um beijo e deixo minha pintora comandar o show.

Hanna ainda está dormindo quando pego meu celular e envio uma mensagem para os meus amigos.

EU VOU SER PAI.

Em letras garrafais, logo lembro de mandar outra.

E NÃO TIVE UM ATAQUE CARDÍACO.

Olhando para Hanna, eu tive certeza de que queria ficar com ela para sempre. Para sempre e mais um dia.

Agradecimentos

Aos leitores, obrigada pelo carinho e por todo amor que demonstraram pelo nosso Insano, esse bônus foi para vocês.

Às minhas amigas, que não chamo mais de equipe, vocês sabem como me manter na reta e em foco. Obrigada pelo carinho, pelas conversas inbox, obrigada simplesmente por serem vocês. Sem máscaras, apenas as pessoas certas, na hora certa.

A todos que acreditaram de alguma forma nesse trabalho, é sempre bom contar com vocês.

Nos vemos em breve, com Micah e Callie, e claro, Gael, Hanna, Josh, Braden e Mag.

A turnê apenas começou, curtam o show.

Andy Collins.